

Falsa influência africana

Um aspecto sugestivo é a controversia sobre os ciclos africanos e ameríndios do Jabutí. Couto de Magalhães e Carlos Frederico Hartt registaram estória do jabutí amazônico, cheio de citações, preferido pelos tupís. N'Africa, a tartaruga possui uma extensa literatura oral, no baixo Niger, na Costa dos Escravos, a **awon**, **ajapá**, fada calva, invencível, sem escrúpulos e recalques. Os negros norte-americanos contam as façanhas do mesmo quelônio, **terrapin**, o **B'er Cooter** dos Estados meridionais dos Estados Unidos. Nina Rodrigues aproximou êsses modelos. O jabutí viera, em sua fama, com a memória negra? Ou o negro levava o jabutí americano para África? Hartt começou escrevendo: - "Uma questão tem sido levantada, se muitas das lendas que tanto se assemelham com as fábulas do Velho Mundo, não podiam ter sido introduzidas pelos negros; eu, porém, não vejo razão para entreter esta suspeita, porque elas estão muito espelhadas; a sua forma é inteiramente brasileira, são mais numerosas justamente nas regiões em que não há negros ou em que os há em pequena quantidade, e além disso, elas aparecem, não em português, mas em língua geral". Uma N. da R., à mesma, p. 136 (114), agitou a questão: - "Isto foi escrito em 1875. Depois, o professor Hartt encontrou no Rio de Janeiro um africano recém-chegado, que lhe contou lendas de animais idênticas às dos índios civilizados do Amazonas. Êste homem, vindo de uma colônia inglesa, falava inglês e a sua própria língua africana, mas nada falava de português, de modo que êle não podia ter aprendido as lendas no Brasil. Êste fato vem fortalecer as dúvidas que o professor Hartt mostra no texto quanto à origem indígena das lendas de animais encontrados no Amazonas".

O prof. Artur Ramos estuda o problema e decide: - "A melhor solução é aquela que foi aventada por Herbert H. Smith, autor do **Brazil and the Amazonas**, quando afirma que uma cousa é certa — e é que as histórias de animais contadas pelos negros das plantações nos Estados Unidos e no Brasil são de procedência africana. Se êstes contos têm longínquas origens, dos árabes, dos antigos egípcios, dos turianos (aos quais já quiseram filiar os nossos índios); e se, de outro lado, os índios tomaram dos negros êsses motivos, são ainda caminhos cheios de hipóteses (115). O mais certo é que tocamos num mesmo motivo existente, ao mesmo tempo, em povos diversos, fenômenos tão comum nos fatos do Folclore (116). Nina Rodrigues (117) examina a hipótese do ciclo ter sido levado pelos negros libertados da escravidão no Brasil. Como há identidade de assunto e exposição no Brasil indígena e nos negros da Costa dos Es-

cravos, não se admite senão uma origem. Não tendo o africano nenhum contato com o ameríndio selvagem, podia ter recebido os contos indiretamente pelos Negros americanos que voltaram à África. Além das empresas norte-americanas de repatriação dos Negros, já vimos neste livro que, sobretudo no século XIX, foi grande o êxodo do liberto brasileiro, principalmente para a Costa dos Escravos. Êstes Negros tinham, nos engenhos e plantações, convivido largamente com a população mestiça brasileira, e poderiam assim ter levado para a África os contos questionados." A impossibilidade da comunicação dêsses negros com os indígenas selvagens "e sim com o elemento indígena da nossa população composta" invalida a sugestão. Nina é partidário da origem africana. O jabutí é uma versão da fada calva, **ajapá**, com suas peraltices contadas pelo coronel Ellis.

Essas fábulas foram tomadas no século XIX. Couto de Magalhães e Hartt não ouviram um só exemplo repetido em português. Nem as conheço nas pesquisas feitas em vinte e cinco anos. As fontes literárias, para citação, reprodução, plágio, adaptação, são êsses dois autores, descobridores do jabutí no seu ciclo de vitórias astuciosas. O africano foi muito bem recebido pela indiada, especialmente pelas mulheres, afirmou von Martius. Viveu em quilombos escondidos, perto das tribos indígenas, em plena política da bôa vizinhança inalterável. Deixou muito curiboca valente. Influuiu nas danças e nos ritmos. Martius regista essa influência. Podia, perfeitamente, ter contado as estórias das tartarugas africanas e esta determinado o nascimento das aventuras do jabutí ameríndio. Problema é que essa voz africana só tenha contado as estórias da tartaruga africana aos ouvidos tupís. Dissolvido nos canaviais, nas "bandeiras" de outo e prea de indiaria, representado pelo amavio sensual das mucamas, mães-pretas dominadoras em sua doçura inapagável, contadeiras inimitáveis de estórias e semeadoras de assombros na sombra das varandas das casas-grandes, o africano só ao indígena julgou auditório na altura de entender e gostar da tartaruga, **awon**, **ajapá**. Essas fábulas que o africano teria narrado ao indígena não passam nas vozes mansas e sussurradas das velhas negras, adormecendo crianças de tôdas as côres e tamanhos. Se o negro ou a negra contou ao ameríndio, repetiria ao português, menino de qualquer idade, sempre doido pelas estórias do Tranco-so, das Fadas e das maravilhas. O jabutí, entretanto, permanece copyright by indígena...

Prof. Luís da Câmara Cascudo
(Rio Grande do Norte)